



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## O FEMININO COMO PROTAGONISTA: DISCUSSÃO DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR.

Fernanda Sena Fernandes

*Centro Universitário Franciscano, nandafernandeszatta@gmail.com*

**RESUMO:** Este trabalho está sendo desenvolvido numa das ações do PIBID/Subprojeto História do Centro Universitário Franciscano juntamente com o Colégio Estadual Pe. Rômulo Zanchi, na Cidade de Santa Maria/RS, com o intuito de trazer para o ambiente escolar, em um trabalho interdisciplinar, a discussão de desigualdade de gênero no contexto escolar.

Através de pesquisas realizadas com a comunidade escolar e seminários elaborados pelos alunos, propõe-se que estes reflitam sobre os diferentes papéis femininos e como a sociedade os vê, levantando, assim, a discussão sobre diferenciação de gênero, buscando-se, principalmente, uma identificação que lhes faça refletir sobre seu próprio cotidiano. O trabalho objetiva trazer um tema pouco ou nada trabalhado em sala de aula, mas que se faz necessário para a construção da igualdade de gêneros e da tolerância, tão importantes para a formação do caráter dos educandos, e que se torna uma temática necessária dada pluralidade existente neste contexto escolar. Acredita-se que o papel do professor não cabe somente na explanação de conteúdos programados pelo plano de aula, mas também na construção de um olhar mais crítico e maduro de seus alunos, contribuindo não só para o crescimento e amadurecimento pessoal e individual destes educandos, mas para a sociedade de maneira geral.

**Palavras-Chave:** FEMINISMO; GÊNERO; PIBID.

### INTRODUÇÃO

As diferenças de gênero vêm sendo amplamente debatidas nos últimos tempos devido à força que o movimento feminista vem ganhando e através de ações do poder público como a recente aprovação do feminicídio no código penal. Estas discussões abrangem a sociedade de maneira geral, mas encontram barreiras no ambiente onde deveriam ser



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

debatidas com mais afinco: a escola. Neste ambiente, onde crianças e adolescentes iniciam a formação de sua personalidade através dos conhecimentos adquiridos, há uma lacuna em relação a assuntos que remetem à construção de opiniões e refinamento do senso crítico. O que se nota é que conteúdos pragmáticos e de uso “universal” adquirem mais importância que questões que estão ligadas diretamente à vida cotidiana destes educandos, e que poderiam estimular novos caminhos desta aprendizagem, tornando-a mais humana e próxima da realidade da comunidade escolar.

Seguindo o preceito que a primeira socialização da criança ocorre em casa, notamos que grande parte destes alunos já chega à escola com papéis de gênero pré-determinados, com a dicotomia feminino/masculino muito bem traçada, rechaçando, desta maneira, atividades que são amplamente divididas entre “de meninos” e “de meninas”. Se dentro deste ambiente de aprendizado estas barreiras e pré-determinações não são quebradas aos poucos, de acordo com a idade e maturidade dos discentes, esta diferenciação de gênero só tende a crescer, oprimindo estas crianças e fazendo com que as mesmas normalizem estas relações. É papel fundamental do professor, portanto, trazer à tona estas discussões. Conforme previne a cartilha de formação de professores do MEC,

“A escola tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade dominante, como gays, travestis e lésbicas, por exemplo. Por isso, educadores e educadoras são responsáveis e devem estar atentos a esse processo.” (2009, p.50)

É claro que um tópico tão profundo como este não pode ser abordado de maneira aleatória ou fora de um contexto que sirva de parâmetro para os educandos. É necessário, antes de tudo, que venha “amarrado” a conteúdos já utilizados no plano de ensino, não apenas para a prática da análise e reflexão destes conteúdos, mas também sua aproximação com a linguagem de mundo dos alunos. Isto fará com que os mesmos desenvolvam uma maneira peculiar de



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

entendimento do tema, com a escola “sempre preparada para apresentar não uma verdade absoluta, mas sim uma reflexão que possibilite aos alunos e às alunas compreenderem as implicações éticas e políticas de diferentes posições sobre o tema e construïrem sua própria opinião nesse debate” (MEC, 2009, p. 14). Neste contexto e entendimento que planejamos esta atividade, buscando nos conteúdos pragmáticos uma maneira de introduzir o assunto de forma que colabore não apenas para este propósito de discussão, mas também para o desenvolvimento da formação de opiniões dos alunos, relacionando o conteúdo estabelecido no plano de aula à discussão social.

Eis que desta forma, em um trabalho de interdisciplinaridade com a professora de Seminário Integrado, encontramos um contexto favorável à discussão que pretendemos abordar. Com um trabalho ainda em andamento, trataremos neste artigo sobre a primeira etapa do projeto.

Buscaremos, primeiramente, problematizar sobre o contexto da educação inclusiva em nosso cenário atual, a partir de estatísticas levantadas em relação à formação dos professores para lidar com temas tão delicados como desigualdade de gênero, identidade de gênero e preconceito. E, justamente através destas respostas, delinear o perfil dos professores que estão inseridos neste ambiente e em como eles estão ou não capacitados para tratar da temática com naturalidade. Também estudaremos o mesmo assunto pelo viés dos alunos, seus relatos e respostas dadas a um questionário de sondagem.

### **METODOLOGIA**

Para a identificação das necessidades e do nível de entendimento de alunos e professores a respeito do tema, foram aplicados dois questionários estruturados, para coletar resultados por amostra, sendo um específico aos alunos das turmas a serem atendidas pela atividade (que chamaremos de questionário 1), e outro aos professores, estes não sendo apenas da escola em que a atividade seria realizada, mas também de outras instituições, a fim de comparar suas competências e conhecimentos sobre o tema e possibilitar entender se isso



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

depende ou não de sua instituição (questionário 2). O questionário 1 contou com 31 respostas de alunos com idade entre 14 e 18 anos, de duas turmas de ensino médio, uma do primeiro e outra do segundo ano. Já o Questionário 2 conta com 38 respostas de professores, em sua maioria, de rede pública e ensino popular. Os dois questionários buscam entender, através de perguntas mistas, o entendimento dos públicos distintos a respeito do tema, estruturando-se de acordo com o nível de linguagem de cada grupo. Busca também, através de respostas abertas, dar voz aos agentes da construção do conhecimento e de como este mesmo conhecimento vem sendo desenvolvido.

### Discussões e Resultados

Para entendermos a importância da discussão de gênero na escola, temos primeiramente que compreender o termo em si. Já sabemos que biologicamente nascemos fêmea ou macho, salvo casos de hermafroditismo, porém o papel que se constrói no que este sexo biológico representa, é um signo social, construído desde a clássica pergunta: “é menino ou menina?”, o que faz com que nossa cultura determine o que é ser homem e o que é ser mulher. “Em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais” (LOURO, 1997, p.28) o que nos faz chegar ao termo gênero, que designa justamente esta formação social que se liga intimamente ao sexo biológico, determinando o papel que homens e mulheres desempenham. Termo este que usaremos neste artigo, dado o fato que discutiremos o comportamento cultural em um ambiente socializador. Precisamos frisar, no entanto, que gênero se difere de sexualidade, que engloba fatores bem mais complexos e associados ao prazer, que nada se relacionam com a identidade feminina ou masculina -e suas mais variadas nuances- ou o que elas representam para a sociedade, porque, como explica Guacira Lopes Louro,

“os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem ‘viver seus desejos e prazeres corporais’ de muitos modos. Suas *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto ou de ambos os sexos, ou sem parceiro algum” (1997, p.26)



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Explicando, em termos gerais, uma mulher trans\* pode ser heterossexual, se seu desejo se dá pelo sexo masculino, ou homossexual, se seu desejo se dá pelo sexo feminino. Independente da genitália, o que nos interessa nesta discussão é a identificação com cada um dos gêneros, masculino ou/e feminino, e o que os gêneros correspondem aos olhos da sociedade.

Por que então trazer este difícil debate ao ambiente escolar? Devemos, antes de qualquer conclusão ou análise, pensar cuidadosamente em como as crianças chegam à escola, levando em consideração sua socialização, costumes e valores, trazidos de seu primeiro ambiente cultural e social: a família. A primeira pergunta que deve ser feita é em como as crianças vêem seus modelos femininos e masculinos representados em casa. Quem cuida dos filhos? Quem limpa a casa? Quem é o chefe da família? Que tipo de roupa as mulheres usam? E os homens? Com quais brinquedos as crianças brincam? Todas estas perguntas nos trarão as tradicionais respostas que demonstram como os papéis de gênero são pré-estabelecidos ainda no seio da família, muitas vezes de maneira sequer questionada, simplesmente porque este é o modelo vigente do que é ser mulher e do que é ser homem, sendo os mesmo estendidos a outros membros do núcleo familiar, como avós e filhos. No questionário aplicado aos alunos da escola, estes papéis mostraram-se profundamente intrínsecos nas famílias, principalmente no que concerne aos cuidados da casa, como podemos ver no gráfico abaixo.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A questão, porém, do que nos faz levantar este debate, é em como estas características de masculino e feminino agem em detrimento dos homens e da submissão feminina, ainda nos primeiros anos escolares e em como este ambiente, que deveria ser de tolerância e minimização destas diferenças acaba por ressaltá-las. Isto pode ser notado em aspectos que aparentemente são naturais, mas que apenas destacam a dicotomia meninos/meninas, como as filas separadas, os banheiros específicos para cada gênero, os brinquedos classificados em masculinos e femininos e os esportes diferenciados no que se considera mais adequado para cada grupo. Levantamos então o questionamento, estas características da escola em sua forma tradicional realmente primam pela igualdade? Em outro dado apurado pela pesquisa realizada com os alunos, quase a totalidade dos mesmos (96,8%) afirma já ter sido separado em grupos por gênero, mostrando, dessa maneira, que a dicotomia ainda existe de maneira enraizada no ambiente escolar.

Em um estudo com crianças em idade entre 10 e 12 anos, em uma escola da rede pública de Brasília, pesquisadoras constataram, no discurso das crianças, uma grande disparidade entre o que aprendem na escola e o que já trazem de casa como cultura pré-estabelecida. Em um trecho, as pesquisadoras nos revelam um fato interessante:

“Parece existir na escola uma tentativa de estabelecimento de igualdade entre os sexos, mas esta questão ainda é sensível e controversa por causa da relevância das crenças e valores pessoais e coletivos que inevitavelmente prevalecem, mas permanecem encobertos no currículo oculto. Isso enfraquece as iniciativas pedagógicas, uma vez que, como visto, as crianças já trazem consigo uma experiência cultural profundamente marcada pelas dicotomias e estereótipos quanto aos papéis de gênero.” (FREIRE; SABARENSE; BRANCO. 2009, P.184)

Isso se torna altamente esclarecedor no que se refere à importância da primeira socialização para a construção da identidade social e dos valores a ela atribuídos na psique da criança. Mostra, ainda mais, o quanto há de ineficiência no currículo regular em se trabalhar as questões referentes às diversidades que a escola abriga e no quanto este trabalho não deve apenas ser incentivado entre os professores, mas também entre os pais. Afinal, se como vimos, os conceitos pré-estabelecidos em casa demoram e por vezes não obtêm êxito em serem desconstruídos na escola, por onde devemos (re) começar? Com este intuito, e esta pergunta em mente, os bolsistas do referido projeto elaboraram intervenções que se utilizam de recursos didáticos produzidos pelos próprios alunos a fim de fazê-los refletir sobre o tema.

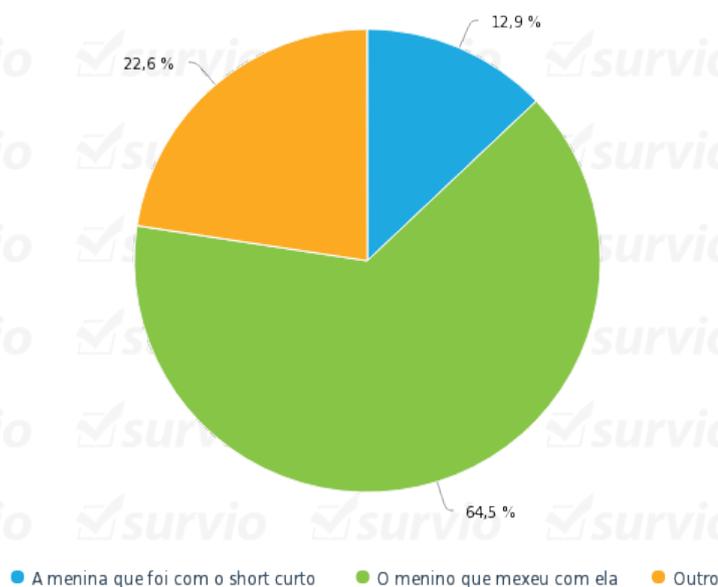
Em debates promovidos com os alunos dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio, puderam-se registrar reações diversas em relação ao tema, impressas também no questionário



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

respondido pelos alunos. Uma das indagações feitas foi em relação ao tão polêmico short no ambiente escolar e nos abusos que o uso do mesmo pode acarretar. No questionamento coloca-se uma situação hipotética em que um colega do gênero masculino vale-se de comentários sobre a peça de roupa curta de uma colega, e em seguida indaga de quem seria o erro, da menina que vai à escola com roupas curtas, ou do menino que não respeita o corpo, o espaço e as decisões da menina que usa tal roupa, mostrando que a maioria entende que mesmo que a menina use roupas curtas, a culpa é do agressor, não da vítima. Porém o que chama realmente atenção é a porcentagem de respostas que acreditam que nem o menino, nem a menina são culpados. Dos 22,6% que responderam à alternativa “outro”, sua totalidade de justificativas foi de que os reais culpados por estas atitudes são a sociedade e a cultura em geral, que enraíza o machismo e a objetificação do corpo feminino ainda na adolescência.

Se uma menina vai à escola de short curto e um colega mexe com ela, quem está errado?



E como, então, os professores lidam com estas opiniões, vivências e questionamentos? Na pesquisa feita com docentes, 81,6% das respostas apontaram que os professores se acham preparados para lidar com estas questões em sala de aula, e quando indagados de que maneira abordam o tema, apontam que falam de acordo com as oportunidades que surgem para tratar o tema, como declara um dos professores, “sempre abordo e tento trabalhar de todas as formas possíveis essa diversidade, porém é muito difícil e trabalhoso enquanto não houver conscientização e treinamento condizente com o assunto.” Outro ainda diz que trata o tema “não diretamente, porém, sempre que noto entre alunos e até mesmo com colegas (o que exige mais sensibilidade) procuro apontar a questão. Com alunos surgiu algumas vezes, com colegas, raramente.” Isto nos mostra claramente que apesar de se sentirem seguros para tratar o tema (68,4% diz ter liberdade para falar sobre o assunto), falta aos professores um



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

espaço para debates, para que não precisem, exatamente, limitarem-se aos conflitos que ocorrem no cotidiano das turmas, porque

“ao educarmos, somos responsáveis pelos alunos e alunas como “pessoas inteiras”, unidades que devem ser respeitadas e preservadas sempre e a qualquer idade. Tais pessoas são constituídas por corpos, emoções, desejos, vontades e sensações. Isso não se explica em meio à precisão de determinados conteúdos ou disciplinas, mas se aprende, se conhece e se sente mediante as muitas vivências, aí inclusas as horas passadas na escola. Nessa perspectiva, cabe à escola trabalhar corações e mentes, mas também os corpos; sem perceber estes como meros invólucros.” (AUAD, 2005)

### CONCLUSÕES

Podemos fazer uma ressalva, através do que constatamos nas pesquisas feitas, no que compete às obrigações do ensino básico, enumeradas nos Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio, como desenvolver as habilidades sociais, o pensamento crítico, o conhecimento científico e preparar os alunos para o mercado de trabalho (2000, p.10). A pergunta que deve ser feita neste momento é: ainda que os professores se sintam preparados para lidar com o tema, falta-lhes maior formação, um espaço para o debate dentro dos conteúdos pragmáticos e até mesmo respaldo do primeiro ambiente socializador do educando – a família. Como, nestes termos, os docentes poderão cumprir com o que se exige deles nos PCNs? Ainda mais, de que maneira se dará subsistência para que projetos voltados para a igualdade sejam cada dia mais corriqueiros nas escolas?

Este trabalho, ainda em execução, busca justamente isso, inserir no contexto escolar debates que despertem os alunos para a realidade que vivem cotidianamente e desenvolvam maior sensibilidade para tratá-las. No quesito gênero, como bem nos lembra Guacira Louro, “a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (1997, p.88) e é justamente neste espaço que estes padrões, tão engessados, devem começar a ser desconstruídos, quebrados e observados como objeto obsoleto de análise.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Esperamos, com a continuidade destas discussões, não apenas incitar produções do conhecimento dos alunos acerca deste debate, mas também o refinamento de sua criticidade. Além disso, os bolsistas do referido projeto juntamente com a direção da escola e a instituição de ensino superior parceira planejam promover formação dos professores para o tema aqui disposto, buscando, dessa maneira, acrescentar ao ambiente escolar em que estão inseridos uma maior qualidade no trato tanto de seus docentes quanto de seus discentes.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, Ministério da Educação. **Gênero na escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SPM, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

FREIRE, Sandra F.D.C; SABARENSE, Stéphanie; BRANCO, Angela Uchoa (2009, abr/jun). **A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola**. *Psico*, V.40, n.2, p. 184-193. Recuperado em 03 de Janeiro de 2015, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/te/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4062/4531>

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília, 2000.

AUAD, Daniela. (2005). **Formação de Professores, Relações de Gênero e Sexualidade: Um Caminho Para a Construção da Igualdade**. Recuperado em 18 de Março de 2015 de [http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18:formacao-de-professoras-relacoes-de-genero-e-sexualidade-um-caminho-para-a-construcao-da-igualdade&catid=4:educacao&Itemid=15](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18:formacao-de-professoras-relacoes-de-genero-e-sexualidade-um-caminho-para-a-construcao-da-igualdade&catid=4:educacao&Itemid=15)